SANDRA PESAVENTO, ORIENTADORA, E A MULHER FIM-DE-SÉCULO SOB O OLHAR DOS CRONISTAS: REAÇÕES AO MOVIMENTO FEMINISTA INTERNACIONAL NO FINAL DO SÉCULO XIX, NUMA DISSERTAÇÃO DO SÉCULO XX

SANDRA PESAVENTO, GUIDELINES, AND THE END-OF-CENTURY WOMAN UNDER THE VIEW OF CHRONICLES: REACTIONS TO THE INTERNATIONAL FEMINIST MOVEMENT AT THE END OF THE 19TH CENTURY, IN A DISTRESS OF THE 20TH CENTURY

Anelda Pereira de Oliveira[1]

RESUMO

Este artigo aborda o processo de elaboração de minha dissertação de mestrado, orientada pela saudosa Drª. Sandra Jatahy Pesavento, historiadora, professora e pesquisadora que, através de suas análises de crônicas e artigos, publicados na imprensa, nos deu a conhecer as transformações sociais que a modernidade trouxe a Porto Alegre. Suas obras são fontes inspiradoras dos estudos do urbano e das representações da mulher em Porto Alegre, no período 1891-1900, cuja temática foi abordada na referida dissertação, cujo objetivo foi demonstrar que as mesmas eram preconceituosas, do ponto de vista de gênero, construindo no imaginário da cidade uma visão negativa da emancipação feminina. O artigo explora, ainda, o processo produtivo relacionado à elaboração da dissertação, demonstrando não apenas a capacidade intelectual da professora Sandra, como sua estratégia segura e amorosa no trato com seus orientandos.

Palavras-chave: Gênero. Representações. Imaginário.

ABSTRACT

This article discusses the process of preparing my master's dissertation, guided by the late Drª. Sandra Jatahy Pesavento, historian, teacher and researcher who, through her analysis of chronicles and articles.published in the press, made us aware of the social transformations that modernity brought to Porto Alegre. Her works are inspiring sources of urban studies and representations of women in Porto Alegre, in the period 1891-1900, whose theme was addressed in that dissertation, whose objective was to demonstrate that they were prejudiced, from the point of view of gender, building in the imaginary of the city a negative view of female emancipation. The article also explores the production process related to the elaboration of

1 Mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). , atuando principalmente nos seguintes temas: acervos judiciais, justiça, gênero - representações - antropologia criminal, memória e gênero - feminismo - representações. Possui Graduação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Titulação: Licenciada e Bacharel em História.

the dissertation, demonstrating not only Professor Sandra's intellectual capacity, but also her safe and loving strategy in dealing with her students.

Keywords: *Genre. Representations. Imaginary.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o resultado da pesquisa realizada para responder às questões elaboradas durante meu período de mestrado, cuja orientadora foi a Prof.ª Sandra Pesavento. Na dissertação, analisei as representações sociais da mulher através da imprensa. O recorte temporal contemplou os últimos anos do século XIX, mais precisamente o período de 1891 a 1900, na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul que, nessa época, já atingia certo nível de modernização, pretendo-se uma cidade dinâmica, para onde eram importadas as novidades e modismos europeus. Entre eles, havia o costume dos passeios pelas ruas e praças. As mulheres da elite porto-alegrense adquiriram o hábito de trajar-se à francesa, usando chapéus e joias e usando delicadas *toillettes* para brilharem nos saraus elegantes. Ou como se fazia em Paris, simplesmente para "flanar". Em nosso caso, na falta dos famosos *boulevards*, na Rua da Praia.

1 As categorias de análise: representação, gênero e imaginário social

Para a minha análise, me aproprio dos conceitos de Representação, Gênero e Imaginário social. No referencial teórico-metodológico, como sugestão da orientadora, utilizei o paradigma da micro-história italiana**,** que proporciona ao historiador a postura de um detetive. Dessa forma, a partir de uma micro escala, como as crônicas do Jornal do Commercio assinadas por Lúcio Mendes – que a meu juízo, podem ser classificadas como elementos da uma literatura aforística, conforme refere Ginzburg[2] – percebe-se sintomas indiciários de uma sociedade em "crise" ante o novo.

Tais elementos se configuram como passagem de acesso a um universo mais amplo deste "real imaginado" um dia, e que hoje são "cacos", ou melhor dizendo, fragmentos que sobraram deste passado. Com os mesmos reunidos através da pesquisa, podemos trazê-los à luz. E mais possibilidade de, através da mudança de escala, captar o universo macro-histórico, que pode ser sinalizado como o *locus* da mulher "perigosa", a feminista, ou quem sabe a mulher intelectual.

O referencial analítico trabalhado se conectou com os pressupostos

2 GINSBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. **In: Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p 177 a 178.

teórico- metodológicos da Nova História Cultural. Foram "ferramentas" apropriadas no mesmo sentido sociológico/antropológico, pois entendo que representação, gênero e imaginário social são conceitos ou categorias que se aproximam, se complementam e se fortalecem. Desse modo, permitem ao historiador ler o passado como produto de construções coletivas.

O conceito de Representação, utilizado neste referencial, foi apropriado de Roger Chartier[3], que o desenvolveu a partir de um patamar antropológico de entendimento. Chartier (1991) expressa que os conceitos científicos são representações coletivas, produto da construção do grupo social, da sua cooperação no tempo e no espaço.

As percepções do social não são de forma nenhuma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas), que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições, cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. "[...] a problemática do 'mundo como representação', moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos que vão dar a ler o real [...]"[4]

O Gênero foi aqui entendido – de acordo com o referencial de Joan Scott[5] – como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Ensejando uma visão mais crítica das tais relações entre masculino/feminino, a categoria gênero permite uma abordagem mais ampla do que a mera revisão do papel da mulher na sociedade. Inclusive, percebe-as como expressões de poder simbólico, a partir das quais as diferenças foram construídas, corroboradas e reafirmadas ao longo da História. Portanto, estudar gênero não é só evidenciar o que se pensa, mas também verificar por que não se quis pensar sobre isso em determinado tempo e espaço.

A utilização desse conceito nos permitiu refletir sobre as identidades subjetivas de homens e mulheres, e usá-lo como um meio analítico histórico válido, na medida em que faz distinção sobre práticas sexuais atribuídas culturalmente. Essas são portadoras de um certo tipo de poder que se aproxima

3 CHARTIER Roger. A Nova História Cultural entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1991, p.17 a 23.

4 Idem.

5 Scott, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para a analise Histórica .In: Educação & Realidade. Porto Alegre: FACED/UFRGS, 1995.

da definição de Foucault[6]. Ou seja, um poder que não é exercido diretamente sobre os sujeitos, pois está micro-pulverizado nas relações sociais. A rigor , a exemplo de uma teia que atinge várias instâncias ao mesmo tempo. É constituído por poderes plurais.

Quanto ao conceito de Imaginário Social, foi apropriado segundo Baczko (1991), que nos ensinou que o princípio unificador dos imaginários sociais esteve assegurado por diversos conteúdos em paralelo, tais como a "verdade" e a "normatividade", operando estes através do uso simbólico, que é plenamente interiorizado pelos indivíduos, conduzindo-os para uma ação comum. Decorre disso a produção de um discurso que produz o ideário presente em cada época, o que veremos a seguir.

2 Ideias de uma época: positivismo, feminismo e antropologia criminal

Nesse contexto, para resgatar a construção de todo um imaginário sobre a mulher, e a partir das reflexões produzidas pelas concepções desenvolvidas pela orientadora, foram destacados três fatores de grande e fundamental importância no século XIX, que afetaram diretamente a cultura ocidental. O Positivismo, como doutrina político- sociológica, exercia forte poder político e cultural sobre a sociedade burguesa gaúcha. Em relação à mulher, pregava normas para sua educação, mas apenas para aquela que a tornasse apta à rotina da administração do lar e para ser boa mãe de família. Enfim, que a formasse para um "utilitarismo" doméstico, seja como educadora dos filhos ou como "adorno" social, no caso das classes mais abastadas.

Havia uma significativa preocupação em controlar o comportamento feminino. Ou melhor, idealizava-se um comportamento para a mulher que deveria servir-lhe de guia moral. Essa era uma preocupação cultural, compartilhada pelo imaginário masculino, ainda que não de forma hegemônica, também em outros países como Inglaterra e França. Um exemplo desta visão de mulher como um ser tão "frágil e incapaz" que devia ser "protegido" está numa crônica estrangeira,"Os Lírios do Jardim da Rainha":

> Ó mulher! tu deves florir como um lírio nos jardins da Rainha (...)minhas senhoras, como resistir a um apelo tão eloquente e tão poético! Deixai-vos de pretender ser nossas rivais, nossas concorrentes na áspera luta pela vida; sede nossas aliadas, e a vitória nos distribuirá igualmente os seus sorrisos. Guiai-nos, minhas senhoras. Nós determinaremos."[7]

6 FOUCAULT, Michel. Microfisica do Poder.

7 EGO, Alter. Crônica Estrangeira. Os Lírios do Jardins da Rainha. Título de uma crônica

Essa obra, adaptada na França e mais tarde publicada no Brasil, segundo o cronista referia-se à uma conferência proferida em *Oxford*, pelo célebre crítico de arte, escritor, sociólogo e moralista John Ruskin[8]. Isso num momento em que havia sido recusado o ingresso de mulheres naquela tradicional instituição de ensino superior. Ruskin, após discorrer longa e "brilhantemente" sobre os motivos pelos quais considerava importante a permanência das mulheres no lar, no reino da paz, cumprindo a sua "sagrada missão".

Embora existisse sobre a mulher toda uma situação cultural de preconceitos e exclusão social, ela começava a aparecer no espaço público, reivindicando a sua emancipação. Nesse período o Movimento Feminista Internacional, atualmente chamado a Primeira Onda do Feminismo – o segundo fator discutido na dissertação – que agitava o noticiário na Europa e nos Estados Unidos. Postulava-se então uma cidadania plena, através da emancipação civil e reformas da legislação que ampliassem os Direitos da Mulher**,** permitindo-lhe o acesso à educação superior e ao voto. Ainda que com certo atraso, essas notícias chegavam a Porto Alegre e certamente repercutiam.

Por aqui, a maior parte das mulheres ainda estava limitada às atividades domésticas, mas já havia professoras, poetisas, escritoras. E também modistas de escol, que anunciavam pelos jornais, oferecendo finas *toilletes*. Tinha-se até ciclistas, escandalizando com seus trajes nada convencionais. Além disso, já clinicava na cidade a Dr.ª Rita Lobato, médica gaúcha, a primeira mulher a se formar no Brasil, em 1888.

Diante desse quadro, é interessante captar a reação dos formadores de opinião, os homens de jornal, ou seja, a elite letrada de Porto Alegre que assimilavam, selecionavam e reelaboravam as notícias vindas do exterior. Seja através de crônicas, ou de artigos jocosos, onde predominavam representações estereotipadas e exageradas quanto à atuação do que denominavam o "belo sexo". Esses textos revelavam construções imagéticas próprias de olhares masculinos temerosos ante o avanço de uma "perigosa" alteridade feminina.

Havia incertezas diante da nova identidade da mulher fim-de-século. Embora tida como débil, nervosa e "inferior", quando não seguisse os preceitos normativos próprios ao seu gênero, poderia causar transtornos familiares e, por que não dizer, concorrência profissional. Logo, deveria ser controlada hierarquicamente pelo homem, seja pelo pai ou, dentro do casamento, pelo marido e, quando viúva, pelos filhos.

adaptada de um discurso de John Ruskin proferido em Oxford. **In: Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1896,p.01

8 RUSKIN, John. Nasceu em Londres em 1819 e faleceu em Brantwood em 1900. Koogan-Larrousse, s/d. p. 1540

A intenção foi procurar demonstrar de que maneira, na imprensa do final do século XIX – outro campo de interesse nas pesquisas da Prof.ª Sandra – esses assuntos eram tratados. No período estudado, havia uma abundância de periódicos que em Porto Alegre eram publicados ou que aqui circulavam, movimentando e formando a opinião pública. Nesse contexto, examinamos as estratégias de fixação de ideias da mulher como ser nervoso e psicologicamente inferior ao homem, talvez como forma de expô-la ao ridículo, para poder controlá-la, trazendo a público figuras femininas balizadas por piadas, blagues e ditos jocosos.

Para justificar tais procedimentos de dominação, os autores examinados socorriam-se de explicações biossociais, ou seja, apresentavam a biologia como destino. Usavam argumentos essencialistas, embasados cientificamente, porém generalizando arbitrariamente as partes das teorias que lhes convinham. Era o suficiente para inculcar e reforçar preconceitos presentes no imaginário social. Como nos ensina Baczko (1991), o imaginário só se constrói se as condições para isso já preexistem, legitimando-as e projetando- as para o futuro.

Nesse contexto, eram recorrentemente discutidos os estudos fenomenológicos da Antropologia Fisionômica, dos Drs. Brown e Lombroso, com especial destaque para o segmento que tratava da diferença de massa entre os cérebros, feminino e masculino. Inclusive, tal assunto motivou uma interessante série de crônicas, veiculadas em 1894. Além dos já referidos, outro médico citado largamente era o Dr. P. Janet, por suas pesquisas de psicologia, bem como muitos outros. Sendo assim, inúmeros eram os "motivos" para considerar as mulheres que "escapassem" às regras, principalmente no que dizia respeito à sua sexualidade, como casos patológicos, frutos de predisposições genéticas ao delito ou à loucura. Todo esse conteúdo foi apropriado, no texto da dissertação, através dos conceitos da antropologia criminal – o terceiro fator examinado no estudo – e que também, mais tarde seria abordado, com maestria pela profª Sandra Pesavento na sua obra "Visões do Cárcere", publicada postumamente[9].

3 O que se lia na cidade: crônicas e cronistas

Como registrado anteriormente, as fontes utilizadas para o estudo desta questão foram as diversas publicações do período, sobretudo da imprensa de Porto Alegre. A parte mais significativa foi formada por crônicas do Jornal do Commercio local, mas também foram objeto de atenção as matérias coletadas do seu homônimo do Rio de Janeiro. Outros jornais pesquisados foram O Dia, O Mercantil, A República, A Reforma, Gazeta Americana, Gazetinha, O Conservador.

9 PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Visões do cárcere**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2009

Além destes periódicos, foram consultadas algumas obras raras de medicina do Século XIX. Fontes, a rigor primárias, porque são originais dos doutores Lombroso, P. Janet e do jurista italiano Enrico Ferri. A partir dessas referências do que se lia em Porto Alegre, corroboramos algumas de nossas constatações e as ampliamos em "Imaginário da Cidade".

Nessa obra, Pesavento (2009), de forma bem mais contundente e direta, apresenta dados significativos, obtidos tanto em listas de jornais quanto nos almanaques ou catálogos das livrarias Universal, do Centro, e também da Americana. De uma forma ou outra, observou-se a predileção pelos autores franceses, ou por obras publicadas em francês, muito embora os romances realistas brasileiros estivessem bem citados. De uma certa maneira havia uma pluralidade de autores e obras, para todos os gostos literários.

Segundo Porto Alegre (1940), seu proprietário e diretor, em 1891 trabalhavam na redação do Jornal do Commercio gaúcho Paulino Azurenha, Andrade Neves Neto, Aurélio Porto Alegre, Caldas Júnior, Damasceno Vieira, Mário Totta, Souza Lobo, Rodolpho Saint-Clair e Zeferino Brasil. Alguns deles, então jovens escritores e poetas bastante produtivos, polemizavam entre si, usando largamente o recurso de pseudônimos.

Estes autores, além de publicarem as suas poesias, também produziam crônicas e folhetins, incluindo personagens locais, como os que passavam pelas esquinas da cidade. Esse foi o caso de Zeferino Brazil, que escreveu "Juca, o letrado", transformando-o em folhetim diário de muito sucesso. A propósito, comentava-se que várias pessoas, entre as que conviviam com o autor, identificaram- se com o enganador Juca.

Tais cronistas, leitores privilegiados da *urbs* moderna, *flaneurs* do social, registraram o espírito da época, inclusive o lugar de cada um dos personagens na escala social. Em relação a isso, um outro aspecto interessante é que essa elite literária e boêmia não gostava de ser confundida com a elite endinheirada. Esse posicionamento podia ser percebido pelas críticas feitas aos burgueses e às "burguesinhas sentimentais", referidos como pouco dotados de inteligência, preocupados apenas em acumular riquezas materiais.

Nossa opção pelo estudo da crônica, como fonte documental privilegiada, justificou-se por ser um texto leve que, a partir de vivências do seu autor, registrava a visão cotidiana da cidade, captando-lhe as sensibilidades e as suscetibilidades do vivido. A crônica proporcionou-nos uma refinada fonte, em perfeita sintonia com o espírito de época, o que consideramos importante, pois para dar visibilidade histórica a essa mulher fim-de-século, foi preciso apreender o dito e o não dito, trabalhando com os contrastes da História.

Cronistas do feminino, como Augusto de Sá, Nenê Júnior, Nenê Neto, Getúlio Santos, Lúcio Mendes, Zeferino Brazil ou Nilo Castanheira –

um dos múltiplos heterônimos de Zeferino – referiam-se às suas personagens citando diretamente alguns autores de renome na literatura internacional, tais como Alexandre Dumas Filho, Anthero de Quental, [Charles] Baudelaire, [Paul] Bourget, Catulle Méndez, Dostoievski, Léon Tolstoi, [Émile] Zola, George Ohnet, Goethe, Peres Escrich, Ponson du Terrail, Théophile Gautier, Casemiro de Abreu, [Honoré] Balzac, Arthur Schopenhauer e Rabussen, citando-os indiretamente, na medida em que o faziam através de comparações imaginárias entre personagens de romances e suas criações, adaptadas para a versão feminina e local.

Mesclando em sua citações, nomes de autores consagrados de verdadeiras obras *d'Art* literária, como por exemplo: *"Les Fleurs du Mal"* de Baudelaire, lembrado pelo cronista por seu *splem* , pela nostalgia da vida moderna – que Benjamin (1994) refere como o *taedium vita*[10] – pela ânsia do desconhecido, pelo gosto pelas viagens e pela perversidade. Já de Catulle Mendès captou-lhe a sensualidade exacerbada de suas personagens femininas, como foi o caso da "Enfastiada":

> Ultimamente domina-se uma paixão indivisível pela sombra e pelo sossego inalterável. Se fosse letrada acabaria budista, começando pelo erotismo urtigante de *Catulle Mendés*, a morder com dentes de tigre a carne doidamente desejada em fervores lascivos; passando, como *Baudelaire*, pela nostalgia do país longínquo e invisível, pelo amor lúbrico do amante ideal, com uma centelha perversa no olhar desvairado - para terminar, como Quental, na inerte quietação do absoluto, na paz e na escuridão sem fim da noite eterna do Nirvana.[11]

O texto acima exposto reitera o que foi mencionado, indicando que esses mesmos letrados, em suas crônicas diárias, demonstravam razoáveis conhecimentos de autores e tramas folhetinescas, naturalmente, segundo Porto Alegre (1917) por dever de ofício[12], já que era um filão de mercado para os veículos da imprensa literária. Conforme constatamos em diversos momentos, nos escritos de Lúcio Mendes, tal ocorreu também em "Litterata"[13], a um só tempo personagem e título de uma das crônicas. Ela seria assim deno-

10 BENJAMIN, Walter. Sobre Alguns Temas em Baudelaire. **In: Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um Lírico no auge do capitalismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p.152.

11 Enfastiada, op. cit.

12 Porto Alegre, Achylles. **Homens Ilustres do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: ERUS,s/d , 3º edição, p 207. A este respeito o autor coloca que há armas no moderno jornalismo, e que o jornalista deve saber jogá-las todas com maestria: "o artigo doutrinário, a polêmica partidária, a crítica artística e literária, e o folhetim borbulhante, de humorismo e de sátira".

13 MENDES, Lúcio. "Litterata**". Jornal do Commercio**. Porto Alegre, 14 de janeiro de 1897.

minada pejorativamente pelas amigas – onde o autor fazia ilações a respeito de uma suposta escritora porto-alegrense – que, pelo visto não se contentava "apenas" com os seus livros, ela queria "algo mais", queria também um homem – "cuja figura máscula a desfavorece e seduz".

Sabemos que é a crônica um gênero preferido para obter maior aproximação com o leitor. Na série "Cartas a uma Senhora" (I, II, e III), por exemplo, questões atinentes às relações conjugais foram abordadas por Getúlio dos Santos, que comentava longa e detalhadamente tais assuntos, com base nas obras literárias, Entre essas, destacamos o trabalho de Leon Tolstoi e de Aluízio de Azevedo.

Aliás**, "**Enfastiada" e "Litterata" são parte de uma outra série. A existência detais crônicas seriadas demonstra o quanto era sistemático o esforço de desvalorização de mulheres que estivessem fora dos padrões, que eram impostos à maioria delas.

Outros casos podem ser citados, como duas crônicas que, embora com títulos e enfoques diversos, diziam respeito direto ao objeto da pesquisa, a mulher fim-de- século. Foram veiculadas no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, no mês de Janeiro de 1897. Ambas tratavam do mesmo assunto, as reivindicações do Movimento Feminista Internacional. A maneira de abordagem, contudo, foi diversa. Entendemos que, na escolha particular de cada cronista, interferiram além do estilo e pensamentos próprios, também elementos da opinião pública sobre o assunto, reflexos da sociedade marcada pela tradição e refratária às transformações de costumes. Conforme declararam, a fonte foi a mesma, o que foi possível efetivamente confirmar no original[14]. Alter Ego[15] assim se expressou:

> As Mulheres e Feminismo
> Se os leitores me permitem (que o consentimento das leitoras não me preocupa, eu estou certo de possuir), consagrarei a crônica de hoje a um inquérito da mais palpitante atualidade que ocupa todo um número da *Revue Encyclopédique*, número especial de noventa e seis páginas (96 pp.), a 4ª, a duas colunas com cerca de 300 gravuras, na sua quase totalidade retratos femininos. Esse número constitui um tratado completo de reivindicações do belo sexo, formuladas não só pelas personalidades diretamente interessadas,

14 ***Revue Encyclopédique***. Paris: *Larrousse Éditeur*, 1896 – Número Especial sobre o Feminismo. Localizado na Biblioteca Riograndense.

15 Alter Ego era pseudônimo de um cronista, cuja identidade manteve-se no anonimato. Escrevia no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, sendo responsável pela secção de Crônica Estrangeira, que a exemplo de seu homônimo porto-alegrense reproduzia matérias de jornais e revistas do exterior.

> como também por um certo número de publicistas que pela tendência dos seus escritos, pela atenção que consagraram à mulher e pela originalidade das opiniões sobre esse eterno assunto, conquistaram o lisonjeiro epíteto de feministas [...][16]

Já Carnioli[17], um "*flaneur*" porto-alegrense**,** observador atento aos costumes da sua cidade, e um leitor muitíssimo bem informado das novidades que "despontavam" pelo mundo afora, apresentou a sua versão para as reivindicações de Direitos, por parte das mulheres, sem falar em feminismo ou feministas, e omitiu o evento, de grande atualidade no noticiário, que motivou a matéria especial, o Congresso Feminista de Paris:

> Coisas e Loisas
> Temos em cima da mesa a *Revue Encyclopédique,* número especial que foi distribuído em Paris em 28 de novembro último [1896].
> É uma brochura do formato do papel almaço comum, em tipo miúdo ilustrada, com cerca de 300 retratos de homens e senhoras que têm tratado da reivindicação dos direitos do sexo fraco, se me permitem, injusto qualificativo dado a esta dominadora metade da humanidade, que veste saias e esconde os delicados seios entre tufos de rendas.[...][18]

O comentário de Carnioli por si só já comprovou que havia circulação, não só de notícias via jornais do Rio, mas também através da própria fonte matriz, no caso a *Revue Encyclopédique*, que ele descreveu minuciosamente, no seu formato estético. Quanto ao conteúdo, apenas foram destacadas as amenidades que a seu juízo mereciam comentários, como a falta de beleza entre as reivindicantes dos direitos feminino.Ou seja, uma consideração que poderia induzir ao pensamento de que "beleza" é um fator inversamente proporcional à inteligência da mulher, preconceito que ainda hoje é bastante comum em piadas dos humoristas e nos ditos do senso comum.

Era como houvesse uma conexão estabelecida entre Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre, resultado de um intenso intercâmbio de jornais, revistas e livros, do centro do país ou do estrangeiro. Muitos deles chegavam poucas semanas depois de lançados, talvez trazidos pelas mãos dos viajantes que por aqui aportavam. Ou, então, através de uma interessante modalida-

16 EGO, Alter. As Mulheres e o Feminismo. **In: Jornal do Commercio** . Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1897.

17 Carnioli era o pseudônimo com que Achylles Porto Alegre assinava as suas crônicas. (Informação de conhecimento da orientadadora, que me foi passada diretamente).

18 Carnioli. Coisas e Loisas. **In:Jornal do Commercio**. Porto Alegre, 31 de janeiro de 1897.

de de prestação de serviços: a importação de periódicos – tanto de cunho científico como cultural – e de livros estrangeiros, clássicos da literatura ou de interesses específicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tamanho poder de influência, evidentemente os homens de imprensa tentavam pautar a repercussão local dos grandes temas sociais da época. Faziam-no abordando recorrentemente determinados assuntos, dando-lhes, maior espaço editorial, etc. Quanto aos indesejáveis, eram via de regra omitidos. Quando tratados, as representações tinham cunho depreciativo, na comparação com os parâmetros dos temas hegemônicos.

Nesse ponto, é importante registrar que os aspectos metodológicos de trabalho dos cronistas também contribuíam para que as suas representações fossem assimiladas por seu público-alvo, sedimentando-se em seu imaginário. Um fator destacado era o uso de pseudônimos por alguns autores. Esse recurso dava-lhes uma liberdade estilística muito grande, permitindo que se valessem de fartas doses de sarcasmo, exagero, expressões preconceituosas, etc. Seus nomes verdadeiros estariam preservados para assinatura de textos mais sóbrios na forma e profundos no conteúdo, como requeria a alta literatura tão apreciada pela elite letrada de Porto Alegre.

Em função das observações da orientadora, foi possível identificar um outro aspecto relevante, a opção predominante por crônicas de ficção. A utilização de personagens e situações fictícias permitia ao cronista um controle quase absoluto na construção de suas representações sociais. A rigor, as protagonistas eram tipos beirando à caricatura, em cenários cuidadosamente selecionados. Não se precisava abarcar a complexidade dos fatos verídicos e das pessoas reais. Inclusive, alusões a teorias científicas eram, no mais das vezes superficiais e vagas, não recorrendo a citações textuais.

Com estas práticas, as crônicas conseguiam alcançar maiores camadas do público leitor. Quanto à mulher, minavam sua autoestima e motivação, adicionando obstáculos imaginários aos muitos reais já existentes em seu caminho rumo à emancipação e à igualdade de direitos. Já no que se refere ao homem, os cronistas pretendiam inicialmente diverti-lo, com a exposição da figura feminina ao ridículo. No fundo, no entanto, queriam advertí-lo dos perigos da insubordinação da mulher- fim-de-século, a nova mulher que despontava no horizonte. A qual seria, como a metáfora da modernidade, uma tempestade que rugia em pleno oceano, agitando navios com a sua força transformadora.

O trabalho realizado sob a orientação da Prof.ª Sandra Pesavento, além de ter sido muito bem recebido na banca, permitiu-me percorrer de modo seguro esse percurso acadêmico, que exige tanto seja do pesquisador

iniciante, quanto da orientadora. Sua forma de trabalho possibilitou um resultado importante, registrando em definitivo sua dimensão como mestra da História, que até hoje trago comigo.

REFERÊNCIAS

BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales. Memorias y esperanças coletivas.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política, ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARNIOLI. Coisas e Loisas. **Jornal do Commercio.** Porto Alegre, 31 jan. 1897.

CHARTIER, Roger**. A Nova História Cultural entre Prática e Representações.** Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1991.

EGO, Alter. Crônica Estrangeira. Os Lírios do Jardins da Rainha. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1896, p. 01.

EGO, Alter. As Mulheres e o Feminismo. **Jornal do Commercio.** Rio de Janeiro, 01 jan. 1897.

FERRI, Enrico. **Sociologia Criminal.** Versión española por SOTO, Antonio Y HERNANDEZ. Madrid: Centro Editorial de Gongora. 2. ed. 1906. Tomos I e II.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GINZBURG, Carlo. O Paradigma Indiciário. *In:* **Mitos Emblemas e Sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

JANET, Pierre. **Les Médications Psycologiques. Études Historiques de, psichologiques ET cliniques sur lês méthodes de la psycothérapie.** Paris: Félix Alcan,1925.

KASTRUP, Diva Machado Pereira. **A Mulher na Medicina**. Porto Alegre: Martins Livreiro- Editor, 1983.

L'ILLUSTRATION. Paris: 1890 a 1895. MCSHJC.

LOMBROSO, Cesare.; FERRERO, G. **La Femme Criminalle Et la Prostituée.** Paris: Ancienne Libraire Germer Baillière ET Cie Félix Alcan, Editeur, 1896.

MENDES, Lúcio. "Flor-de-Chic" **Jornal do Commercio**. Porto Alegre, 03 jan. 1897.

MENDES, Lúcio. "Enfastiada". **Jornal do Commercio**. Porto Alegre, 09 jan. 1897.

MENDES, Lúcio. "Litterata". **Jornal do Commercio**. Porto Alegre, 14 de janeiro de 1897.

OLIVEIRA, Anelda Pereira de. **Mulher Fim-de-Século:** as representações sociais da mulher através da imprensa. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crônica: a leitura sensível do tempo. **Anos 90:** revista do Programa de Pós-Graduação em História**,** Porto Alegre, n. 7, , p. 29-37, jul. 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy**. História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy**. O Imaginário da Cidade, visões literárias do urbano.** Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy**. Uma Outra Cidade o Mundo dos Excluídos no final do Século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy**. Visões do cárcere**. Porto Alegre: Zouk, 2009.

PORTO ALEGRE, Achylles. **Através do Passado (Crônica e História**). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1920.

PORTO ALEGRE, Achylles. **A História Popular de Porto Alegre.** Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1940.

PORTO ALEGRE, Achylles. **Homens Ilustres do Rio Grande do Sul.** 3. ed. Porto Alegre: ERUS, [19--]. p 207

REVUE ENCYCLOPÉDIQUE**.** Paris: *Larrousse Éditeur*, 1896 – Número Especial sobre o Feminismo.BRG e MCSHJC.

REVUE ILLUSTRÉE. Paris: *Ludovic Baschet Éditeur*.1891 a 1893. MCSHJC.

REVUE DES REVUES. Paris:1890 a 1900. MCSHJC.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.

Recebido em 31/05/2020
Aprovado em 12/11/2020